

A AUTORA

Margaret de Oliveira Guimarães

Professora de Língua Francesa e Língua Portuguesa do Centro Universitário Mauá, em Ribeirão Preto. Diretora da Organização Educacional Albert Sabin – Educação Infantil, Ensino Fundamental.

COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO: A PERSPECTIVA DO RECEPTOR

Experiência do receptor-aluno como parte do processo dialético do conhecimento é fundamental para a instituição escolar

A Lei 9394, de 1996, que fixa as diretrizes e as bases da educação nacional, estabelece, em um de seus artigos, que a educação abrange todos os processos que se desenvolvem dentro e fora da escola. Seria desnecessário que tal determinação adviesse de uma lei se considerássemos, ao organizarmos nossa programação de conteúdos – hoje, muitas vezes radicalmente anacrônica – o receptor a que nós os destinamos. Ou ainda, se respeitássemos o papel da mídia cada vez mais preponderante na vida dos jovens, ou, finalmente, se encarássemos e compreendêssemos a extensão dessa referida lei. Na verdade, como professores, seria imprescindível assumir uma postura madura e séria dian-

te da Educação que está na pauta das discussões mundiais.

Por que mundiais? Porque a Educação deve criar formas que possam conciliar global/local; universal/singular; perene/efêmero: dicotomias, ambivalências, paradoxos em que se desenvolvem os cidadãos desta contemporaneidade.

E de que cidadanias falamos nesta sociedade em que o indivíduo social perdeu a hegemonia para dar espaço ao individualismo, ao hedonismo?

“Ainda que a nação e o indivíduo continuem a ser muito reais, inquestionáveis e presentes todo o tempo, em todo o tempo, em todo lugar, povoando a reflexão e a imaginação, ainda assim já não são hegemônicos”¹.

1. IANNI, O. *Teorias da Globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999, p.13.

Que indivíduo/sujeito é este que, na aurora deste novo século, encontra-se mergulhado numa tecnologia voraz que o traga para um caleidoscópio de sons, cores? Qual o perfil do homem que se confunde a uma tecnologia que dita seus atos, que o fascina, que o seduz, envolvendo-o num paroxismo que pontua esse final de século: o homem abandonado a si mesmo.

“A existência de tantas pessoas começa a cancelar minha própria existência (...) minha vida pessoal – a única forma de propriedade privada que me resta – torna-se pálida e esmaecida (...)”².

Aí está, como sugere Ianni, a “conotação surpreendente da modernidade, na época da globalização: o declínio do indivíduo”³.

Esse indivíduo tem consciência de que o mundo, virtualmente, está próximo de seus limites pessoais, beira os limites de sua realidade; mas, ao mesmo tempo, concretamente, encontra-se inatingível.

Esse mergulho num mundo sem fronteiras cria no indivíduo a ilusão da integração, o sonho de que neste contexto em que se apagam as fronteiras será possível o resgate da solidariedade entre os homens e a pluralidade de culturas e valores não mais serão origem de conflitos sociais.

Que equívocos!

O que ocorre com esse indivíduo que se descobre, afinal, tão só?

Segundo Durkheim, o “homem, abandonado a ele mesmo, é estimulado a alcançar desejos ilimitados. O indivíduo quer sempre mais do que ele tem e está sempre decepcionado com as satisfações, recompensas, que ele encontra na sua dura existência”⁴.

Nesse cenário de complexas transformações é fundamental que a discussão sobre a inter-relação entre comunicação e educação ganhe densidade, pois é nessa interseção que alcançaremos o contorno da cultura em que estão imersos emissores e receptores.

No espaço escolar há um verdadeiro divórcio entre os pólos emissor/receptor. Por isso, a relação que se estabelece entre eles não produz sentido; o diálogo entre eles não conta com referentes comuns. Nessa lacuna que se criou e que, pouco a pouco, se intensifica nessa falsa relação, nascem novas atitudes, novos comportamentos que caracterizam uma época de conflitos e crises. De um lado, os educadores, nos papéis de professores, coordenadores, diretores – sentindo-se ameaçados em sua autoridade – respondem a essas transformações com atitudes autoritárias, ineficazes. Do outro lado, o aluno, alheio ao discurso do professor, dialogando interiormente com seu próprio mundo, indaga-se sobre a utilidade de tantos conceitos, suspeita da veracidade de tantas informações.

As organizações de ensino, construídas ainda sobre o divórcio professor-aluno, reproduzem a sociedade a que Foucault chamava disciplinadora, constituída por meios de enclausuramento: prisões, hospitais, fábricas e escolas.

2. JAMESON, Fredric. **Pós-Modernismo** – a lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Ática, 1997. p. 362.

3. IANNI, O. **Teorias da globalização...** *op. cit.* p. 21.

4. DURKHEIM, E. *apud* ARON, Raymond. **Les étapes de la pensée sociologique** (Os estágios do pensamento sociológico). Paris: Gallimard, 1967. p. 342.

Enquanto o discurso do professor representar um artifício desse enclausuramento social no qual o sujeito está inserido; enquanto o educador julgar que a realidade é a que ele recita nas salas de aula, é a que está representada nos manuais, nas enciclopédias, a comunicação estará comprometida. Estaremos, dessa forma, esquecendo-nos de que o que se aprende é unicamente aquilo que podemos viver. “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele: linguagem e realidade se prendem dinamicamente”⁵.

A afirmação de Paulo Freire para definir o ato de ler presta-se à reflexão de todo o processo de ensino/aprendizagem. Quantas informações armazenadas durante meses – às vezes anos – servem como lições a se transmitir em sala de aula; assim como, questões para avaliação guardadas em *eficientes* bancos de dados, que podem, a qualquer momento, transformar-se em provas do bimestre de qualquer época? Com certeza, elas não podem estar acompanhando o dinamismo com que ocorrem os fatos a que assistem os nossos jovens: leitores de outras realidades, pseudoouvintes inquietos e distantes de nossas mensagens. Quantos “exercícios” mais vivos, quantos desafios mais vibrantes os aguardam fora dos limites da escola!

As questões propostas por vestibulares de algumas universidades, as abordagens interdisciplinares contidas nos Exames Nacionais de Ensino Médio – o ENEM –, as diretrizes inscritas nos

Parâmetros Curriculares Nacionais representam um alerta quanto à necessidade de mudanças nas práticas escolares. Não podemos mais dar as costas a esses imperativos, é o momento de descruzarmos os braços, depositarmos o giz no canto da sala e abriremos, ao nosso aluno, uma escola da palavra feita no e pelo diálogo.

INTERAÇÃO COMUNICAÇÃO/EDUCAÇÃO

É a transdisciplinaridade o lugar de interseção entre comunicação/educação. Só inaugurando “um novo paradigma, um discurso transversal, estruturando-se de um modo processual, mediático, transdisciplinar e interdiscursivo”⁶ que a educação será capaz de se estruturar nas bases ditadas pelos Novos Parâmetros: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver com o diverso, aprender a SER.

Se educar é construir cidadãos,
a práxis escolar deve
pressupor participação; o
autoritarismo, o monólogo
caíram, nessa conjuntura
social da atualidade, num total
obsoletismo.

É na relação dialógica, plural, em que professores e alunos sejam enunciadores e enunciatários dos vários discursos sociais, que a comunicação se efetivará. A informação – objeto vivo da existência da escola –

5. FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1999. p.11.

6. SOARES, Ismar de Oliveira – www.eca.usp.br/nucleos/nce/perfil - ismar. Html

não mais pode ser um conjunto de palavras em que as “sociedades disciplinadoras” devem fingir crer, “nem pode constituir um discurso que transforma em verdade uma única interpretação da história”⁷.

A informação deve ser o conjunto de idéias – permanentemente renovadas – que conduzam o sujeito a uma ação transformadora de sua realidade. Informações que cheguem aos alunos na medida certa, na medida em que elas possam ser não só apropriadas por eles, mas que possam ser incorporadas por esses receptores: é só pelo processo de apropriação da informação que se dará o aprendizado. A palavra do professor/enunciador torna-se a palavra do aluno/enunciatário que, simultaneamente, incorpora o papel de enunciador quando se capacita para transformar o discurso alheio em discurso próprio, transformando-o com a soma dos outros discursos que povoam o seu universo. Assim se concretiza a educação, nesse processo dinâmico de ressignificação de discursos, de reconstrução de saberes.

A formação do cidadão
acontece nessa prática
ininterrupta de se redesenhar o
mundo interno, incluindo-se
nele sempre novos
conhecimentos capazes de
fortificar não só o intelecto,
mas também o caráter.

Portanto, se a educação/comunicação é a interação entre sujeitos que habitam um universo comum, ou que tenham “memória comum”⁸ é preciso indagarmos sobre esse interlocutor a quem nosso discurso se dirige. Quem é esse sujeito à minha frente, a que esfera pertence, qual o seu mundo? Ou ainda: como ele vê e como ele sente as experiências a que está exposto?

“Será que os jovens continuam os mesmos depois do vendaval Carla Perez ou Tiazinha: após o festival de glúteos e cernas quase ginecológicas franqueadas diariamente pela televisão?”⁹. Sem emitir qualquer julgamento de valor quanto aos atos educativos, o professor Citelli constata as modificações do mundo a que pertence a geração de hoje, e, conseqüentemente, as modificações nas maneiras como essa geração deve aprender, ou seja, o aprendizado, hoje, não ocorre “à revelia dos próprios mecanismos que ativam a produção do conhecimento e da informação”¹⁰.

Esse mundo dos meios de comunicação, de discursos visuais mágicos, que representam filtros ou mediações pelas quais o receptor/aluno perceberá a mensagem das salas de aula deve ser parte de nossa memória. Atrações como aquelas tratadas em programas como *No Limite*, dramas feitos espetáculo como acontece no programa *Linha Direta*, a desagregação das relações familiares pontuadas em *Sai de Baixo* devem ser inseridas nas práticas cotidianas do professor, só assim estaremos integrados numa mesma realidade cultural.

7. BACCEGA, Maria Aparecida. *Comunicação/Educação e transdisciplinaridade: os caminhos da linguagem. Comunicação & Educação*. São Paulo: CCA-ECA-USP/Moderna, n.15, 1999. p. 7.

8. BACCEGA, Maria Aparecida. *Comunicação/Educação e transdisciplinaridade...op. cit.* p.7.

9. CITELLI, Adilson. *Meios de comunicação e práticas escolares. Comunicação & Educação*. São Paulo: CCA-ECA-USP/ Segmento, n.17, jan./abr. 2000. p.31.

10. CITELLI, A. *Meios de comunicação...op. cit.* p.33.

DIÁLOGO EMISSOR-RECEPTOR

Aí nasce o espaço que devemos construir na nossa prática escolar – uma visão cuidadosa dirigida ao nosso receptor. Aos moldes do que acontece nos meios de comunicação, devemos passar a ter esta mesma preocupação: o estudo da recepção.

O caminho para essa descoberta, nas pesquisas desse campo, não foi breve. Questão discutida há décadas, o papel ativo do receptor nasce nos anos 60 com a pesquisa literária que se encarregou de investigar a temática do leitor e da recepção. Anteriormente, Sartre, em *O que é Literatura?*¹¹ definia a obra como resultado do trabalho conjunto de leitor e autor.

Em 1962, Umberto Eco, em *A obra aberta*¹², posiciona-se quanto ao papel do receptor, caracterizando-o como co-criador da obra de arte a qual, em última análise, representa uma mensagem e, como tal, é destinada, necessariamente, a um receptor.

É nos anos 80 que se reconhece, pelos pesquisadores da corrente chamada *Cultural Studies* (Estudos Culturais) – Stuart Hall, Hoggard, Raymond Williams, E.P. Thompson e outros – o papel ativo do receptor na construção de sentido das mensagens produzidas em qualquer nível de comunicação.

Vale acrescentar que, numa sociedade, mercantilista, de modelo neoliberal, o receptor visto como consumidor – soberano para os interesses do mercado – passa a ter tamanho peso que chega a justificar qualquer atitude do emissor.

A concepção dialética entre mensagem

produzida e sentido construído afasta, de modo evidente, as discussões dos processos de comunicação entendida sob os postulados funcionalistas, em que o pólo da emissão era privilegiado. Refuta, igualmente, a concepção estruturalista da comunicação em que os mecanismos sociais são vistos sob ótica mecanicista e em que a ação do sujeito é negada.

Se aceitamos o fato de que o campo da comunicação e o da educação trabalham num mesmo eixo por terem função comum – a transmissão da cultura herdada como base da possibilidade do novo –, podemos nos indagar sobre o momento em que a mensagem produzida nas instituições de ensino perderam de vista o seu receptor. Ou melhor, em que ponto da história o educador negligenciou a evolução das ciências, da tecnologia, do saber? Mantivemo-nos nos limites inscritos em modelos de educação Iluminista que pretendem ensinar aos alunos conhecimentos cristalizados nas enciclopédias?

As instituições consideradas tradicionais desconsideraram uma realidade filosófica: é no pensamento dialético que se lançam as bases da verdadeira construção do conhecimento. Nele, o objeto é construído pelo sujeito que, ao mesmo tempo, se constrói.

É na interação dialética – que leva em conta as permanências históricas do indivíduo/receptor – que se constrói o território da comunicação e do aprendizado.

11. SARTRE, J. P. *O que é literatura?* São Paulo: Ática [s.d.].

12. ECO, Umberto. *A obra aberta*. São Paulo: Perspectiva. 1969.

A comunicação formou um campo específico porque soube construir seu discurso a partir do cotidiano do receptor, de onde emergem as verdadeiras tramas que caracterizam as relações sociais. A construção de especificidades que delimitariam o campo da educação, entretanto, é sempre conflituosa, pois não se reconhece o discurso do aluno – suas crenças, seus mitos, seus valores – como parte importante e constitutiva desse universo. Em outras palavras, o universo ideológico construído a partir das interações e práticas sociais possibilitadas pelas experiências concretas deles.

A barreira ainda existente entre professo-

res e alunos acentua a ineficiência do papel social da educação na sua meta de formar cidadãos. A instituição de ensino fragiliza-se, ao mostrar-se impotente em minimizar esse hiato entre real transparente e real reapresentado no discurso pedagógico.

O indivíduo, de que fala Durkheim, abandonado a ele mesmo, voltado a desejos inatingíveis não foi construção dessa incomunicabilidade? Dessas frustrações não estariam surgindo as formas violentas de ser dessa jovem geração?

Essas indagações podem ser objeto de outras reflexões que nos permitam continuar essa discussão, ao mesmo tempo tão inquietante e tão viva.

Resumo: A autora lembra o problema da perda da hegemonia do indivíduo social na contemporaneidade para destacar a importância do aluno como receptor ativo, parte do diálogo necessário entre emissor/professor–receptor/aluno no processo educativo. Salienta que a instituição escola não pode continuar enclausurada no discurso autoritário. Ela precisa abrir-se às experiências concretas vivenciadas pelos jovens. Tais experiências são, cada vez mais, mediadas pelos meios de comunicação. Daí a importância da inter-relação comunicação/educação e de o professor/emissor estar aberto ao diálogo com o aluno/receptor, pois a permanência desta barreira só acentua a ineficiência da instituição escolar.

Abstract: The author brings up the problem of the loss of hegemony of the social individual in contemporaneity in order to stress the importance of the student as an active receptor, a part of the necessary dialogue between the emitter/professor–receptor/student in the educational process. He emphasizes the fact that the school institution cannot continue locked-up in an authoritarian discourse. It must be opened up to concrete experiences that young people go through. Such experiences are now commonly being mediated by the means of communication. That is why it is so important that the communication/education and teacher/emitter interrelationship be open to dialogue with the student/receptor, since this barrier will only accentuate this institution's inefficiency.

Palavras-chave: indivíduo, emissor-receptor, recepção, diálogo, instituição escolar

Key words: individual, emitter-receptor, reception, dialogue, school institution.